

AINOSAINOS: DOS ENIGMAS

Giovanna Giffoni (UERJ/CEDERJ)¹⁹

RESUMO

O que diz o enigma? De que fala o enigma, e de onde? Onde vige o enigma dentro do vigor enigmático? Responder à pergunta é procurar o monstro recolhido em rodilhas na recôndita rotunda, ao centro circular do labirinto. Mas, queremos mesmo encontrá-lo? No empenho de demanda pelo monstro lança-se Teseu, desfazendo o emaranhado carretel em carreiras de corredores lineares. Não para decifrar o enigma, mas para dele escapar após ver o seu rosto – face a face. Contemplar a face do monstro, demonstrá-la a si mesmo, como monstro também que se vislumbra num espelho. Assim o diz. *Através do espelho em enigma*: a si mesmo. O presente artigo apresenta um breve estudo sobre enigma aliado a tradução direta do grego de alguns exemplos extraídos da Antologia Grega.

Palavras-chave: *Enigma - Memória - Homem*

ABSTRACT

What does the enigma say? About what does the enigma talk, and from where? Where does the enigma stand within enigmatic vigor? To answer the question is to look for the monster gathered in the roundabouts, on its knees, in the inner roundabout to the circular center of the labyrinth. But do we really want to find it? In the pursuit of demand for the monster Theseus is launched, unraveling the tangled reel in linear corridors careers. Not to decipher the riddle, but to escape it after seeing its face – face to face. To contemplate the monster's face, to demonstrate it to oneself, like a monster also that glimpses in a mirror. So it says it. *Through the mirror in enigma*: itself. The present article presents a brief study on the enigma allied to a direct translation from the Greek of some examples taken from the Greek Anthology.

Keywords: *Enigma - Memory - Man*

Per speculum in ainigmate

AINOSAINOS. O que diz o enigma? De que fala o enigma, e de onde? Onde vige o enigma dentro do vigor enigmático? Responder à pergunta é procurar o monstro recolhido em rodilhas na recôndita rotunda, ao centro circular do labirinto. Mas, queremos mesmo encontrá-lo? No empenho de demanda pelo monstro lança-se Teseu,

¹⁹ Doutora em Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Graduada de Letras Português-Grego na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

desfazendo o emaranhado carretel em carreiras de corredores lineares. Não para decifrar o enigma, mas para dele escapar após ver o seu rosto – face a face. Contemplar a face do monstro, demonstrá-la a si mesmo, como monstro também que se vislumbra num espelho. Assim o diz. *Através do espelho em enigma*: a si mesmo.

O enigma diz o seu nome mesmo. AINOSAINOS. O enigma diz o seu próprio nome. Exige que o digam. Enigma é, pois, uma proposição tautológica. A palavra enigma. Dizer “enigma” diz “dizer enigma”. *Ainíssomai*. Dizer *aínos*; dizer *por aínos*. Enigma não é um quê, mas um como. Como? Enigmático, terrível – *ainós*. Terrível deformidade dos enigmas, que se desdobram desarticulardilosamente. AINOSAINOS.

Em sua articulação enigmática (des)articula a linguagem. Assim o define Aristóteles em seu tratado de poética, traduzido por Eudoro de Sousa: “coligindo absurdos dizer coisas acertadas” (1966, p. 94). O enigma é uma coligação, uma conjunção de palavras. Põe-nas lado a lado, antes, face a face, *num espelho, por enigma*. AINOSAINOS. A sentença enigmática espelha a própria especulação do enigma. Colidindo palavras absurdas na colisão de monstro questionador e homem questionado, que deverá resolvê-lo. Solvê-lo. Reduzir em solução a fórmula; decantá-la.

A fórmula enigmática é uma fórmula poética, musical – é canto. A Esfinge é nomeada diversas vezes por quem teve a chance de contemplá-la (e ouvi-la) como cantora. “Terrível cantora”, Sófocles a chama. Exímia cantora. AINOSAINOS. Seu canto terrível, irmão do das sereias, quer abismar, não às profundezas do mar, mas às profundezas do ser que, resolvendo a locução terrível, *ressolve-se* em palavra, que é sempre o seu nome próprio.

Assim Junito Brandão (1991, p.333) atenta para o fato de que o enigma “normalmente era uma perífrase formulada ao questionado, que deveria responder com um *substantivo*, um *nome*, camuflado pela mesma.” E que:

Em geral, os monstros questionam mais a memória do que a inteligência de seu interlocutor. Perguntam, as mais das vezes, determinados nomes ou segredos e, não raro, o herói ou adversário, para não morrer, deve conhecer ‘o nome esotérico de certos seres ou coisas’. Frequentemente o questionado deve saber o nome do questionador. (Ibidem, p.333)

O monstro é como o deus. Nunca diz o seu nome pelas vias estreitas; nunca o revela a quem por ele pergunta (diretamente). Mas exige que o saibam os que o confrontam. O monstro, o deus, é terrível e fala terrivelmente, por enigma. *Eu sou o que é* – eis o nome mais próprio de deus. E é também, por isso mesmo, um enigma. AINOSAINOS.

Entre os estudos sobre enigma há várias especulações sobre a sua função social: se prática iniciática de poetas e heróis; se simulações de situações-limite cujos ermos devemos percorrer e retornar, trazendo nas mãos a chave do próprio destino - um casamento auspicioso com uma mulher mágica, a sabedoria da maturidade iniciada, a visão da morte, a face do deus, o conhecimento libertador; se meros jogos mnemônicos; se exercícios pedagógicos. E diversas são as tentativas classificatórias. Quanto ao seu meio, diz Alfonso di Nola (1997) que podem ser orais, gestuais-comportamentais ou tópicos, por exemplo. A tradição grega ter-nos-ia legado dois grandes exemplos, correspondentes ao primeiro e ao último tipo: o enigma da Esfinge (ou de Édipo?) e o labirinto do Minotauro (ou de Teseu?). Mas a questão enigmática está posta em todas as culturas, em todas as tradições. Encontramo-la desde a Índia, nos *Contos do Vampiro*, onde um incubo incorpora num cadáver e posta-se nos ombros do rei, que o deve carregar de um lado a outro de um cemitério decifrando enigmas sob o preço da própria cabeça, até a cultura *pop* contemporânea, nos enigmas de Gollum e o hobbit Bilbo Bolseiro. *This thing all things devours*. AINOSAINOS...!

O enigma é, assim, um dilema humano. Ai-nos, ai-nos! Não se deve, porém, confundir-lo com problema. O homem, foi dito, ao confrontar o monstro, deve solucionar a fórmula enigmática, resolvendo seus sentidos terríveis numa palavra, num nome. Contudo, o enigma nunca tem solução. A solução é prerrogativa do problema. Já é dada, e, portanto, anterior ao problema, que parte sempre de uma resposta, e somente embaralha-lhe a posição. Ao contrário, o enigma não quer desvencilhar-se, não quer desembaralhar-se. Apela para a *memória*. Quer chamar à memória o seu próprio nome, que na simplicidade da palavra condensa e *adensa* ainda mais o seu sentido.

Traduzida muitas vezes por obscuridade, um modo obscuro do dizer, a sentença enigmática é uma espécie bem particular de metáfora. Esta sempre lida com deslocamento de sentidos de um lugar para outro, mas o movimento do enigma dá-se na colisão de sentidos impossíveis. Desse modo verte ao português sua definição

aristotélica o tradutor Paulo Pinheiro: “A acepção própria de enigma consiste em dizer coisas reais com associações impossíveis.” (2015, p.177). Sem fazer analogias nem comparações, põe lado a lado, ou face a face, sentidos impossíveis. AINOSAINOS. E Aristóteles prossegue, agora novamente na tradução de Eudoro, “o que se obtém, não quando se juntam nomes com o significado corrente, mas, sim, mediante as metáforas.” (1966, p.94).

É, então, uma metáfora de segunda ordem. Porque movimenta palavras já movimentadas de seu lugar habitual. Complexo, cheio de dobras. O enigma é, como se vem afirmando reiteradamente, monstruoso, uma monstruosidade de monstro, que se mostra cheio de dobras terríveis. Desdobrando-se a dobra, tem mais dobra, tem mais monstro (AINOS-AINOS-AINOS-AINOS). E o monstro, em tudo o que complexa e enigmaticamente diz, mo(n)stra-se. Confrontar o enigma é enfrentar um monstro e vice-versa, especularmente. AINOS | SONIA. Como a imagem no espelho, a solução é apenas aparente.

A solução do enigma não é dissolução do enigma. A Esfinge que se lança das muralhas é a imagem da esfinge que se lança das muralhas, porque, através do espelho, insiste o nome que se mostra a Édipo, sua imagem e semelhança. Na simplicidade de um nome habita toda a complexidade possível, não só aquela proposta pelo monstro, e é só por isso que ele aparentemente desaparece. Porque sabe que no nome vigem todos os sentidos e que todo nome é metafórico. Todo nome é enigma de si mesmo. Os nomes são terríveis. Confrontado ao espelho, que visão mais terrível ao homem do que o homem? AINOSAINOS.

Na Antologia Grega (*The Greek Anthology*, na coleção Loeb Classical Library, de 1980), há, no livro XIV, de onde selecionaram-se os textos das traduções apresentadas a seguir, exemplos de enigmas e de problemas, devidamente classificados conforme a sua função. Se têm uma função lógica, de apelar para o raciocínio do mudo interlocutor (problemas aritméticos), ou uma função tautológica – perguntando por si mesmo em se dizendo/mostrando – apelando, pois, para a memória de seu nome próprio.

ἄνδρ' ἐμὸν ἔκταν' ἐκυρός, ἐκυρὸν δ' ἔκτανεν ἀνὴρ,
καὶ δαῖτ' ἐκυρόν, καὶ ἐκυρὸς γενέτην.

Meu sogro matou meu marido e meu marido matou meu sogro; e meu cunhado, [ao] meu sogro, e meu sogro, [a] meu pai.²⁰

Eis o enigma em sua clara obscuridade. Chegar à clareira após o cerco opressor de árvores sombrias; à casa de Asterion, cercada de paredes compressoras; libertar o homem das agudas garras oitavadas da Esfinge, que asfixia o nome na proposição terrível. AINOS:AINOS. Mas chegar à clareira, matar o monstro e conhecer o nome não é a dissolução do enigma. Isso Teseu já anteviu, isso Édipo foi forçado a ver, tardiamente. Matando o monstro, Teseu previu que lhe tomaria o lugar (prisioneiro no labirinto); respondendo à Esfinge, Édipo nomeia-se monstro (presa de si mesmo). Através do espelho, por enigmas, como vemos o mundo, segundo o São Paulo da epígrafe a este texto, estamos nós – o homem, sempre testado em seu conhecimento adâmico do Nome.

Eis o que sustenta a ideia de que o enigma surge do jogo iniciático, da prova, por que deve passar aquele que tomará lugar no assento do monstro, tornando-se terrível – *ainós* – exímio (*ainós*) conhecedor da palavra. A palavra certa, a palavra própria – *ainos*. *Ainos*, tradução de enigma, mas também de conto, fábula, dizer obscuro, obnublado.

εἰμὶ πατρὸς λευκοῖο μέλαν τέκος, ἄπτερος ὄρνις,
ἄχρι καὶ οὐρανίων ἱπτάμενος νεφέων
κούραις δ' ἄντομένησιν ἀπενθέα δάκρυα τίκτω:
εὐθὺ δὲ γεννηθεὶς λύομαι εἰς ἄερα.

Sou um filho negro de pai branco, ave sem asa que, no entanto, é posta em voo pelas nuvens celestes. Produzo lágrimas sem lástima diante dos olhos. Assim que nasço, lanço-me direto no ar.²¹

Ainos é, então, uma narrativa, uma trama, que enreda em sua rede, qual faz Clitemnestra para *pegar* o esposo. Qual faz Cassandra na vã tentativa de escapar. Não raro o vocábulo aparece associado a *palaiós* – antigo – e assim entendido como provérbio. Mas, de certo modo, o *ainos* é sempre proverbial, porque antecede ao verbo, à sua simples elocução. Essa antecendência, entretanto, não significa uma mera anterioridade cronológica linear. *Ainos* está eviternamente adiantando-se ao verbo, num paradoxo de corrida sem chegada, sem ponto de partida, uma carreira circular e labiríntica, onde está

²⁰ Enigma 9. Solução: Andrômaca.

²¹ Enigma 5. Solução: a fumaça.

para sempre enredando a palavra, o verbo, em sua trama, antecipando-lhe, ante ao tapete de sangue, um tapete de púrpura, que lhe fará escorregar os pés espelhando a queda escandalosa dos atridas.

γράμματος ἀρνημένου πληγὴν ποδὸς οὖνομα τεύχει
ἡμέτερον· παταίνει δὲ βροτῶν πόδας οὐποτ' ἑάσει.

O nosso nome, quando acrescido de uma letra, provoca uma rasteira (ou injúria) no pé. Do contrário, nunca faz tropeçar os pés dos mortais.²²

O enigma é terrível. AINOSAINOS. Decifra-me *e* devoro-te. Inocente jogo perigoso. Brinquedo de crianças que, brincando, mataram Homero quando este lhes perguntou sobre o resultado da pescaria. Exímios pescadores que lhe lançaram a rede terrível. Terrível porque sem poros. Pela tradição, Homero morre, assim, asfíxiado pelo enigma que não consegue resolver. Heráclito (2005) divulga-a no fragmento 56:

Em seu esforço para conhecer o visível, os homens são ludibriados como Homero, mais sagaz do que todos os gregos. Pois é a ele que ludibriaram os garotos que matavam piolhos, dizendo: “tudo, que vimos e pegamos, deixamos, tudo, que não vimos nem pegamos, trouxemos conosco.” (p. 73)

Homero morre, pois, de aporia. A rede do enigma é sempre sem poro. O labirinto nunca tem saída. Quem achou o monstro encontrou a si mesmo dizendo seu próprio nome eviternamente: AINOSAINOSAINOSAINOSAINOSAINOSAINOS...

Sem poro e sem *peïros*, o enigma é sem limites, sem beira. Rede inextricável e sem medida. AINOSAINOSAIONOS. Isso ainda pode nos dizer, fora da tradição grega, a palavra inglesa para enigma. *Riddle*, conforme aponta Di Nola (1997), adviria do antigo radical e sentido do verbo *to read*, que, antes de saber ler, só conhecia o “falar”, o “recitar obscuramente”.

εἰμὶ μέλας, λευκός, ξανθός, ξηρός τε καὶ ὑγρός·
 εὔτε δὲ δουρατέων πεδίων ὕπερ ἐντανύσης με,

²² Enigma 46. Solução: *sándalon/skándalon* (“sandália”/ “escândalo”, “ofensa”), segundo a sugestão do compilador. Mas poderia bem ser possível o par *pédilon/ pedion* (qualquer calçado: “sandália”, “sapato”, “bota”/ “planície”, “terreno plano”), ficando aí, ao contrário do primeiro caso, o calçado responsável pelo sentido negativo.

Ἄρεϊ καὶ παλάμη φθέγγομαι οὐ λαλέων.

Sou preto, branco, amarelo, seco e úmido. Quando me deitas sobre placas de madeira, por Ares, através da mão eu falo sem falar.²³

Essa mesma raiz comunga de *re*, do sânscrito, de quem também partilha a pesca a nossa *rede* em português. Acostumamo-nos à analogia entre escrita e trama, texto (escrito) e tecido, mas já esquecemos que tal identificação é secundária. Quando estamos diante de um novo objeto, um novo fenômeno, uma nova ferramenta tecnológica, usamos de termos referentes a coisas correlatas, existentes, para identificar, sejam suas partes ou seu todo. Assim, chamar o discurso escrito “texto”, “trama”, “rede” é uma metáfora secundária, porque toma emprestado o campo metafórico abrangido por outro fenômeno anterior (eviterno) – o canto, a voz, a música.

É ele que, antes de podermos ler e escrever, nos embalou em sua rede, nos embolou em sua trama. Por isso, a Ariadne, tramando ardil, desfia o novelo em fio, *thread*, permitindo a Teseu passar pela trama, *through the read*, pelo enigma, *through the riddle*, do labirinto, rede desenredada. Assim, pôde voltar, seguro de não tropeçar na planura linear. Com as sandálias firmes nos pés, regressa sem injúria, sem escândalo. Porém não soluciona o enigma, antes o dissolve, artificialmente. Não vence o labirinto: desfá-lo em fio; nem mesmo o Minotauro: mata-o. Precavendo-se, protege-se do conhecimento de seu nome. Terrível. AINOS!

O mesmo destino não tem Édipo, que tragicamente se defronta com o monstro que é ele próprio. *Através do espelho, por enigma*, sem a distância segura nem de uma linha. O corpo a corpo de Édipo com a Esfinge termina com o atirar-se ao abismo e desaparecer, (dis)solução do enigma. Mas a solução do enigma é um nome que encerra ainda mais enigmas em que o herói se embrenha. Novelo emaranhado, nó górdio impossível de desfazer, de destramar, a não ser cortando a corda, a não ser cortando os pulsos, a não ser cegando os olhos. Por excesso de visão enganam-se os olhos, *em seu esforço para conhecer o visível*, o que se mostra, diz-nos Heráclito. AINOS!

Pois é impossível ver a si mesmo, mesmo através do espelho. E, pois, é possível ver a si mesmo, ainda que por enigma. E, pois, nos vemos no famigerado enigma da Esfinge, disperso por todo o canto, em seu canto terrível. AINOSAINOS.

²³ Enigma 45. Solução: a cera que se derrama nas tabuinhas.

τὸ αἶνιγμα τῆς Σφιγγός

ἔστι δίπουν ἐπὶ γῆς, καὶ τετράπον, οὗ μία φωνή,
καὶ τρίπον: ἀλλάσσει δὲ φυὴν μόνον, ὅς1' ἐπὶ γαῖαν
ἔρπετὰ κινεῖται, ἀνὰ τ' αἰθέρα καὶ κατὰ πόντον.
ἀλλ' ὁπόταν πλείστοισιν ἐρειδόμενον ποσὶ βαίνει,
ἐνθα τάχος γυίοισιν ἀφαιρότατον πέλει αὐτοῦ.

O enigma da Esfinge

Ἐ bípede sobre a terra, e quadrúpede, e, apenas um eco, trípode. Único a variar sua forma entre as feras que andam sobre o solo, acima dos céus ou sob o oceano. Porém, caminhando sobre mais pés, torna-se menos ágil.²⁴

A Esfinge é terrível cantora, exímia cantora. Com seu canto ela enreda, em sua voz, na recitação obscura e aguda do enigma. A cadela cantora, ladra ainda à nossa porta, anda até hoje pousada nos muros das cidades, espalhando seu canto terrível, que nos comprime à memória da Memória. Quem é esse animal bípede, quadrúpede e trípode?

AINOSAINOS? Ó homem, qual é teu nome?

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

ARISTÓTELES. **Poética**. Edição bilíngue. Trad. Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

BOLOGNA, Corrado. Monstro. **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 36. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.

BORGES, Jorge Luis. O espelho dos enigmas. **Outras inquisições**. Obras Completas. Vol. II. São Paulo: Globo, 2000.

BRANDÃO, Junito de Souza. Enigma. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Vol. I (A-I). Petrópolis: Vozes, 1991.

DI NOLA, Alfonso. Enigma. **Enciclopédia Einaudi**. Vol. 36. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997.

HERÁCLITO. **Os pensadores originários**: Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

²⁴ Enigma 64. Solução?

PATON, W. R. (trad.). **The Greek Anthology**. Vol. V. London: William Heinemann. New York: G. P. Putnam's Sons, 1980.